

JVA

EDITORA

ENTRE MARÉS E SILÊNCIOS

JVA Editora

ENTRE MARÉS E SILÊNCIOS

Edição JVA Editora

Uma história contemporânea sobre primeiras impressões, orgulho, diferenças de classe, família e a coragem necessária para rever aquilo que julgamos saber sobre alguém.

Florianópolis • Brasil

NOTA EDITORIAL

Entre Marés e Silêncios é uma obra de ficção original. Sua arquitetura dramática dialoga com a tradição do romance de costumes — em especial com temas clássicos como primeiras impressões, orgulho, posição social e amadurecimento afetivo —, mas personagens, cenário, conflitos, diálogos e acontecimentos são próprios desta obra. A narrativa se passa no litoral de Santa Catarina, entre uma pequena editora familiar, projetos de preservação urbana e vidas que parecem incompatíveis até que a convivência revele o que a distância escondia.

JVA EDITORA

SUMÁRIO

- 01 A casa de janelas azuis
- 02 O homem do cais
- 03 Uma proposta inconveniente
- 04 Primeiras impressões
- 05 O jantar de quinta-feira
- 06 A biblioteca fechada
- 07 O mapa da maré
- 08 Rumores na praça
- 09 Uma dívida antiga
- 10 A festa no mercado
- 11 O que não foi dito
- 12 Chuva sobre a ponte
- 13 Cartas sem destinatário
- 14 O preço da permanência
- 15 A visita inesperada
- 16 Entre duas famílias
- 17 O arquivo municipal
- 18 Um erro de leitura
- 19 A ilha ao amanhecer
- 20 A fotografia rasgada
- 21 Distâncias curtas
- 22 O nome no contrato
- 23 A noite do apagão
- 24 Verdades emprestadas
- 25 Uma escolha pública
- 26 O silêncio de Helena
- 27 O retorno de Miguel
- 28 O livro desaparecido
- 29 Maré de ressaca
- 30 A reunião
- 31 O que Clara viu
- 32 A versão de Tomás
- 33 A casa vazia
- 34 Do outro lado da baía
- 35 O pedido de desculpas
- 36 As páginas encontradas
- 37 Um inverno breve
- 38 O projeto do cais
- 39 Quando o orgulho cede

- 40 A carta de Helena
- 41 O dia da audiência
- 42 Depois da tempestade
- 43 A livraria acesa
- 44 O que permanece
- 45 Uma mesa para dois
- 46 A primeira edição
- 47 O baile de primavera
- 48 A última objeção
- 49 Maré cheia

A CASA DE JANELAS AZUIS

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a pequena sede da editora, sob uma névoa baixa, a diferença parecia pequena. O cheiro de papel antigo acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o projeto do cais.

Rosa chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Podemos falar do projeto do cais sem decidir quem está certo antes de começar? — perguntou Clara.

Tomás demorou um instante antes de responder.

— Podemos tentar — disse ele. — Não prometo facilidade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Miguel conhecia os bastidores dos contratos e tinha o talento perigoso de contar meias verdades com a aparência de confiança. Durante muito tempo, Clara acreditara que sinceridade e simpatia eram parentes.

Quando saíram, uma névoa baixa já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

...

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a biblioteca do casarão, sob o cheiro de maresia, a diferença parecia pequena. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, o cheiro de maresia já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a praia quase vazia, sob uma tarde abafada, a diferença parecia pequena. A luz refletida na água acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a reputação de Tomás.

Lia chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Você sempre transforma a reputação de Tomás em uma questão de princípio? — perguntou Clara.

— Só quando alguém tenta tratar isso como detalhe — respondeu Tomás.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Davi dizia que uma cidade também podia perder a memória por excesso de pressa. Cada fachada derrubada, cada comércio expulso e cada arquivo abandonado parecia pequeno isoladamente; juntos, mudavam a história de quem tinha direito de permanecer.

Quando saíram, uma tarde abafada já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em a varanda de janelas azuis, sob um frio inesperado, a diferença parecia pequena. O tilintar das xícaras acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre o contrato municipal.

Otávio chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Não foi isso que eu quis dizer sobre o contrato municipal — disse Clara.

— Talvez — respondeu Tomás. — Mas foi exatamente isso que eu ouvi.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

A JVA Editora ocupava dois cômodos do casarão: uma sala de trabalho e outra tomada por caixas de originais. O prédio não era apenas patrimônio; era a última coisa que Rosa se recusava a vender.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

O HOMEM DO CAIS

Clara ainda não tinha decidido se Tomás Valença era arrogante ou apenas acostumado a ser obedecido. Em o Mercado Público, sob um frio inesperado, a diferença parecia pequena. O barulho distante dos ônibus acompanhava o movimento da cidade, enquanto ela tentava organizar o que pensava sobre a dívida de Rosa.

Davi chegara com uma informação que parecia administrativa, quase banal, mas em Santa Amália as coisas importantes raramente anunciavam a própria importância. Havia um documento, uma data e uma assinatura que não combinavam com a versão repetida havia anos. Clara leu duas vezes. Na segunda, não procurou apenas o que estava escrito; procurou também aquilo que alguém tivera interesse em deixar de fora.

— Há coisas na dívida de Rosa que você não conhece — disse Clara.

— Então me conte — respondeu Tomás. — O silêncio não pode continuar fazendo o trabalho da verdade.

Tomás não elevou a voz. Esse era um de seus hábitos mais irritantes: quanto mais contrariado, mais preciso se tornava. Clara, ao contrário, sentia as frases chegando depressa e precisava escolher quais mereciam existir. Durante semanas, ela confundira reserva com desprezo e segurança com vaidade. Ele, por sua vez, tratara a independência dela como se fosse uma forma elegante de imprudência. Nenhum dos dois estava inteiramente errado, e esse talvez fosse o problema.

Helena guardava cartas da mãe numa caixa de madeira. Não eram cartas de amor, como Clara imaginara, mas registros de empréstimos, favores e decisões que ligavam os Vieira aos Valença de modo desconfortável.

Quando saíram, um frio inesperado já mudara a aparência das fachadas. Clara caminhou alguns metros antes de perceber que Tomás seguia ao lado, sem tentar conduzi-la nem oferecer uma solução pronta. A ausência daquele gesto, que antes ela esperaria dele, teve um efeito estranho. Talvez as pessoas mudassem. Talvez apenas se tornassem visíveis quando alguém finalmente parava de olhar para a caricatura.

Ela decidiu que continuava não gostando dele. A decisão, porém, exigia agora esforço.

• • •